

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE
JANEIRO E SECRETARIA MUNICIPAL
DE CULTURA APRESENTAM

VIOLETA

UM PEÇA DE JON FOSSE

DIREÇÃO MARCIO FREITAS

ELENCO CACÁ OTTONI
MARIA LUCAS
MARINA HODECKER
PAMELLA RODRIGUES
RENATA GASPARIM

CENOGRAFIA E FIGURINOS ARLETE RUA

ILUMINAÇÃO ADRIANA MILHOMEM

TRILHA SONORA RIBEIRO DICASTRO

TRADUÇÃO MARCELO ESTEVES

DRAMATURGISMO PEDRO FLORIM

PREPARAÇÃO VOCAL NATÁLIA FICHE

VISAGISMO MARINA HODECKER

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO GÉ LISBOA

FOTOS CLAYTON LEITE

ASSESSORIA TÉCNICA MARCELA FREITAS

OPERAÇÃO DE LUZ LARA ALINE

INTÉRPRETE DE LIBRAS THAMIRES ALVES

ASSESSORIA DE IMPRENSA ALESSANDRA COSTA

PRODUÇÃO MARCIO FREITAS
MARINA HODECKER

REALIZAÇÃO TEATRO NÚMERO TRÊS

DE 7 A 29 DE OUTUBRO DE 2023
SEXTAS E SÁBADOS 19H DOMINGOS 18H
INGRESSOS INTEIRA R\$ 20 MEIA R\$ 10

PARA MAIS INFORMAÇÕES, VISITE
WWW.TEATRONUMEROTRES.COM.BR/VIOLETA



**TEATRO
DULCINA**

RUA ALCINDO GUANABARA 17
CENTRO, RIO DE JANEIRO

APOIO:



APOIO INSTITUCIONAL:



FOMENTO:



CULTURA

DEDICAMOS O ESPETÁCULO À MEMÓRIA DE NOSSOS QUERIDOS ANA DE HOLLANDA CAVALCANTI, ÂNGELA MARIA TAVARES DE MACEDO MENEZES, ANTONIO DANTAS, IVANA NOBRE DE AZEVEDO, LEILAMAR PEREIRA RODRIGUES, NILSON FICHE.

AGRADECEMOS A: EQUIPE DO TEATRO DULCINA, AMANDA AVALON, ANA SKAF, ANGELA FREITAS, ARNO HODECKER, ARTHUR POGGY, CAROL GODINHO, CECÍLIA RIPOLL, IVANISE GASPARIM, JESSICA FIGUEIREDO, JÚLIA DECACCHE, LUZÉ, MARIA DO CARMO PEREIRA (D. CARMINHA), MILENA PESSOA, MONICK AQUINO, PAULA FERNANDES, SERGIO FRAGA, SONIA COUTINHO, THIAGO TRINDADE E WELLINGTON JÚNIOR

OS VERSOS DAS CANÇÕES EXECUTADAS NO ESPETÁCULO FORAM APROPRIADOS DO TEXTO DA PEÇA “CALABAR”, DE AGAÁRIO DE MENEZES, ESCRITA EM 1858.

O NOVO ESPETÁCULO DO TEATRO NÚMERO TRÊS REPETE O PROCEDIMENTO DE ESTRANHAMENTO DOCUMENTAL, CENTRAL EM SEUS TRABALHOS ANTERIORES, AGORA AUXILIADO POR UM TEXTO DE EXTRAÇÃO DRAMÁTICA. “VIOLETA”, PEÇA DO NORUEGUÊS JON FOSSE, OFERECE AGORA OS DOCUMENTOS A SEREM EMBRAÇADOS E MAGNETIZADOS DE IMAGINAÇÃO. O CARÁTER JÁ POUCO INFORMATIVO DO TEXTO DE FOSSE, DE POUQUÍSSIMAS RUBRICAS E FALAS QUEBRADAS, DE CONEXÃO MUITAS VEZES INCERTA E SEM PONTUAÇÃO, É POTENCIALIZADO NO PALCO POR ATUAÇÕES IGUALMENTE ESBURACADAS E AUSÊNCIAS MARCANTES DE INFORMAÇÃO ESPETACULAR. A SUPOSIÇÃO DITOCENTISTA DE QUE A VERDADE DAS COISAS É UMA CONSTATAÇÃO VISUAL, DAÍ “REALISMO” TER SE TORNADO SINÔNIMO DE REPRODUÇÃO ÓPTICA, É QUESTIONADA NA “VIOLETA” DO TEATRO NÚMERO TRÊS, ONDE O OLHAR DO ESPECTADOR É DESAFIADO.

É UM PRESENTE ENERVANTE, SEM DÚVIDA. A CULTURA AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEA, NA QUAL A “COMUNICAÇÃO” (CHAMEMOS ASSIM) EMPREGA MASSIVAMENTE IMAGENS, NOS ACOSTUMA FACILMENTE À IDEIA DE QUE OLHAR É IGUAL A VER, E VER IGUAL A SABER. OLHAR VIRA SABER, SABER NATURAL DE QUEM TEM OLHOS, E QUEM NÃO SABE O QUE EU SEI, LOGICAMENTE, É PORQUE DEVE ESTAR CEGO. CONTRA A IGNORÂNCIA DOS QUE NÃO VEEM O QUE EU VEJO NAS IMAGENS, BASTARIA ENTÃO INFORMAR CORRETAMENTE OS SEUS OLHARES E DUVIDOS, OU QUEM SABE PERSEGUIR OS IGNORANTES...

E, NO ENTANTO, ATRAVESSANDO A SUPOSTA LINHA RETA ENTRE OLHAR, VER E SABER (Ó, O SABER!), ESTENDE-SE O LABIRINTO TRAGICÔMICO DAS PULSÕES, DAS MIRAGENS APETITOSAS E DAS EXPECTATIVAS RECÍPROCAS, A COLISÃO DE DRAMATURGIAS DISTINTAS, A INSUFICIÊNCIA DOS PAPEIS ASSINALADOS, A INCOERÊNCIA ENTRE AÇÃO, FALA E PENSAMENTO, A POTÊNCIA SUBESTIMADA DOS OUTROS SENTIDOS CORPORAIS, A INSTABILIDADE FERROZ DO MUNDO DO CAPITAL, MAS TAMBÉM A PERSISTÊNCIA DE VELHAS RELAÇÕES DE PODER.

MAS O TEATRO, ARTE ALUCINÓGENA, EVOCAÇÃO DE FANTASMAS, PELO ESTRANHAMENTO ASSOMBROSO DAS COISAS É CAPAZ DE DESESTABILIZAR AS CONEXÕES ENTRE OLHAR, VER E SABER, EXPERIÊNCIA DE AMPLIAÇÃO SENSÍVEL QUE REVELA – TALVEZ REVELE – ÀQUELE QUE OLHA A ATIVIDADE LIMITADA DO SEU OLHAR, BEM COMO A DIMENSÃO PRECÁRIA DO SEU SABER. APARENTEMENTE TÃO SIMPLES, TÃO NATURAL, OLHAR DE REPENTE NÃO É MAIS GARANTIA DE VER, NEM VER É GARANTIA DE SABER. MAS ISSO, EVIDENTEMENTE, DÁ MUITO O QUE PENSAR.